

ARQUEOLOGIA URBANA NO MÉDIO SOLIMÕES: REFLEXÕES SOBRE MATERIAIS VÍTREOS EM TEMPOS DE PANDEMIA¹

URBAN ARCHAEOLOGY IN THE MIDDLE SOLIMÕES: REFLECTIONS ON GLASS MATERIALITY IN TIMES OF PANDEMIC

Geórgia Layla Holanda de Araújoⁱ

Resumo A pandemia da Covid-19 provocou muito sofrimento para inúmeras pessoas no país e, conseqüentemente, afetou de algum modo as pesquisas científicas brasileiras, tivemos que lidar com isolamento social, contaminação do vírus, negligência do poder público, perdas de familiares, entre outras coisas. Foi nesse contexto que comecei a desenvolver a pesquisa sobre Arqueologia Urbana no município de Tefé, localizado no Amazonas. Minhas vivências trouxeram reflexões para a escrita desse manuscrito que tem como objetivo apresentar algumas considerações dos desafios e afetos de realizar uma pesquisa sobre Arqueologia do passado recente na região do Médio Solimões em período pandêmico, tendo como pano de fundo o viés teórico-metodológico, da Arqueologia Urbana em associação com a análise de vidros históricos. Os dados iniciais resultaram na identificação de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, nacionais e importadas inseridas na comercialização vigente no período da borracha entre final do século XIX e início do século XX e na ressignificação do patrimônio cultural. **Palavras-Chave:** Arqueologia Urbana. Tefé, vidros históricos. Médio Solimões.

Abstract: The Covid-19 pandemic caused significant disruptions to scientific research in Brazil, marked by social isolation, viral contamination, government neglect, and personal loss. Within this scenario, I began developing a research project on Urban Archaeology in the municipality of Tefé, in the state of Amazonas. This manuscript presents narratives of the challenges and affective dimensions involved in conducting a study on the archaeology of the recent past in the Middle Solimões region during the pandemic. The research adopts a methodological framework based on Urban Archaeology and the analysis of historical glass fragments. Preliminary results led to the identification of domestic and imported alcoholic and non-alcoholic beverages that circulated during the rubber boom (late 19th to early 20th century), contributing to the reinterpretation of regional cultural heritage. **Keywords:** Urban Archaeology; Tefé; historical glass; Middle Solimões.

ⁱ Arqueóloga no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Mestranda em Diversidade Sociocultural no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), E-mail: annecb@usp.br.

¹ Projeto de pesquisa com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Entre ruas vazias e fragmentos silenciados: os primeiros passos da pesquisa

Numa tarde de quinta-feira² recebi um comunicado do nosso coordenador do grupo de pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia de que iríamos encerrar provisoriamente as atividades de laboratório e cumprir o isolamento social por causa da Covid-19. Deixei o material arqueológico em cima da mesa pensando que na semana seguinte voltaria para analisá-lo e iria “entender tudo” sobre as ocupações recentes ocorridas na cidade de Tefé e no Médio Solimões.

Infelizmente, meus planos não se concretizaram. Permaneci isolada por vários meses junto com meu companheiro, mantendo contato apenas com o entregador de mantimentos alimentícios, enquanto acompanhava, pelos noticiários, o crescimento diário do número de casos e óbitos na cidade. Nesse cenário, o som frequente das ambulâncias a caminho do hospital reforçava a gravidade da situação. Pensava, que se tratava de mais uma pessoa ingressando na sobrecarregada fila de pacientes intubados ou aguardando transferência para as unidades médicas em Manaus, que enfrentava um cenário caótico, caracterizado pela escassez de oxigênio³ e pelo sepultamento coletivo das vítimas da Covid-19.

Diante dessa situação, me restava continuar um levantamento bibliográfico como algo possível para o desenvolvimento da pesquisa, perante o cenário de pandemia, mas era desafiador escrever algo com base nas fontes escritas. Queria escrever sobre a análise dos fragmentos arqueológicos que não tive oportunidade de tocar, queria escrever sobre minhas vivências que não tive chance de ter na cidade, sobre transformações das paisagens, sobre a escuta e fala das pessoas, as quais não havia tido oportunidade de conhecer, seja pelo isolamento ou porque algumas tiveram suas vidas interrompidas por causa dessa doença e da negligência do poder público.

Queria poder entrar no mercado municipal cheio de pessoas, ouvir alguns causos, tocar nas mercadorias... Senti falta do cheiro do cupuaçu, do tucumã para colocar no beiju, do camu-camu para preparar a caipirinha. Me dei conta da importância de uma variedade imensa de frutas e comidas amazônicas (Tregidgo, 2024), as quais havia me habituado, porém tinha cheiros que já

² 19 de março de 2020.

³ <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/01/oxigenio-acabou-e-hospitais-de-manau-viraram-camara-de-asfixia-diz-pesquisador-da-fiocruz.shtml>

não sentia mais, sons que não ouvia. Agora o silêncio do confinamento imperava e o barulho mais ouvido era o da sirene das ambulâncias.

Partilho dos mesmos sentimentos de incertezas e de reflexão sentido pelo arqueólogo Daniel Pacheco, ao relatar “a materialização de angústias, afetos e reflexões causadas pelos longos dias do confinamento gerado pela pandemia da Covid-19.” (Pacheco, 2022, p. 25).

Embora eu não estivesse morando em outro país, como ele. As distâncias brasileiras são gigantescas, de Tefé a São Raimundo Nonato-PI, são mais de 4000 km ⁴que me separavam da minha família. Ainda concordo com o colega de profissão quando ele afirma que a pandemia trouxe separações forçadas, tristezas, angústias, inseguranças, o confinamento gerou solidão, distanciamento e dor (Pacheco, 2022).

Cheguei à Tefé animada para desenvolver a pesquisa para a qual fui selecionada: “Práticas arqueológicas e gestão do patrimônio cultural: arqueologia urbana no município de Tefé”, mas como fazer uma arqueologia Urbana DA/NA/COM/PARA a cidade sem ter contato com a cidade? (Staski 1982; Staski 2008; Tessaro 2022; Souza 2010). Como construir vínculos, ouvir as narrativas, se o contato direto com o espaço urbano e com as pessoas foi interrompido?

Arqueologia do asfalto e Arqueologia das águas, qual a sua relação com Arqueologia Urbana na cidade de Tefé?

Como pontuado no dossiê: A Amazônia após as invasões europeias história contada pela cultura material: “o passado mais estudado pela Arqueologia na região Amazônica é o que dista o mais possível do momento da conquista; momento de ruptura catastrófica entre a construção de uma cultura do invasor e a destruição de culturas nativas.”(Gomes e Santi, 2024:4) Prova disso são as pesquisas desenvolvidas no Médio Solimões (Costa 2008; Costa, 2012; Gomes 2015; Furquim 2015; Lima 2016; Belletti 2015; Tamanaha et al, 2015 e 2019; Lopes 2018) que possuem um olhar predominantemente direcionado para o passado pré-invasão. Com essa afirmação, não pretendo desconsiderar as importantes pesquisas naquela região, que inclusive servem de guia para esta pesquisa, mas enfatizar que a Arqueologia Amazônica se debruçou sobre

⁴ Que podem ser feitos em 3 dias, somando-se trechos de transporte aéreo e terrestre, ou 6 dias, somando-se transporte fluvial, aéreo e terrestre, tempo que com a pandemia praticamente dobrou. Além disso, o aeroporto ficou temporariamente fechado e era inseguro que eu realizasse esta viagem tão longa nesse período de grande contaminação do vírus.

problemáticas de teor majoritariamente pré-colonial (Costa, 2017) e o Médio Solimões não fugiu a essa regra.

Justamente por esse motivo, foi implantado o projeto de Arqueologia Urbana na cidade de Tefé, no ano de 2015, ao se perceber que o grande foco de pesquisas estava voltado para os contextos pré-coloniais. Motivando novos pesquisadores a entender como se deu a ocupação do passado recente (Amaral, 2017; Holanda et al 2023).

Durante a execução do projeto foi possível, com a participação colaborativa de moradores e moradoras, identificar seis sítios arqueológicos, nomeados de: Centro, UEA Abial; Colônia Ventura; Ilha das Conchas e Xidarini (Figura1), os dois penúltimos localizados em bairros homônimos, “separados” da cidade pelas águas do lago Tefé, por meio do igarapé Xidarini e os dois últimos submersos completamente e visíveis apenas no período da seca extrema (Amaral, 2017; Holanda et al 2023).

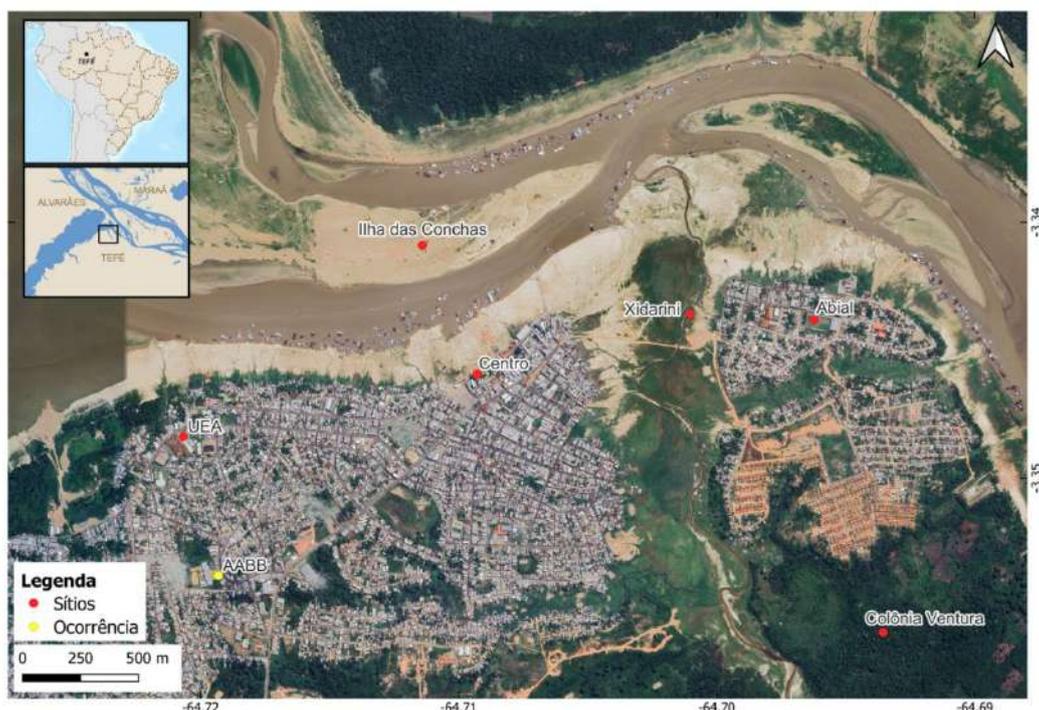


Figura 1: Mapa da cidade de Tefé com a distribuição dos sítios arqueológicos: UEA, Centro, Abial, Colônia Ventura, Xidarini e Ilha das Conchas. E ocorrência AABB. Fonte: Débora Hymans /GP Geociências do Instituto Mamirauá.

Os sítios estão distribuídos pelo município de Tefé, que possui uma área de 23.692,22 km² (Figura 2) localizado na região Norte do país, no estado do Amazonas, à distância de 520 km da capital Manaus, em linha reta, mas que pode chegar a mais de 800 km quando o mesmo percurso é realizado por via aquática no período da seca.

Tefé, assim como diversas outras cidades amazônicas, é profundamente marcada pela dinâmica dos rios. Seu acesso se dá exclusivamente por via fluvial ou aérea, e está localizada nas proximidades do lago que dá nome à cidade. Apresenta diferentes tipos de ocupações na terra firme e na área de várzea, compostas por habitações de palafitas, (nomeadas pelas pessoas da região de casas de madeira) e por casas flutuantes (Holanda et al, 2022).

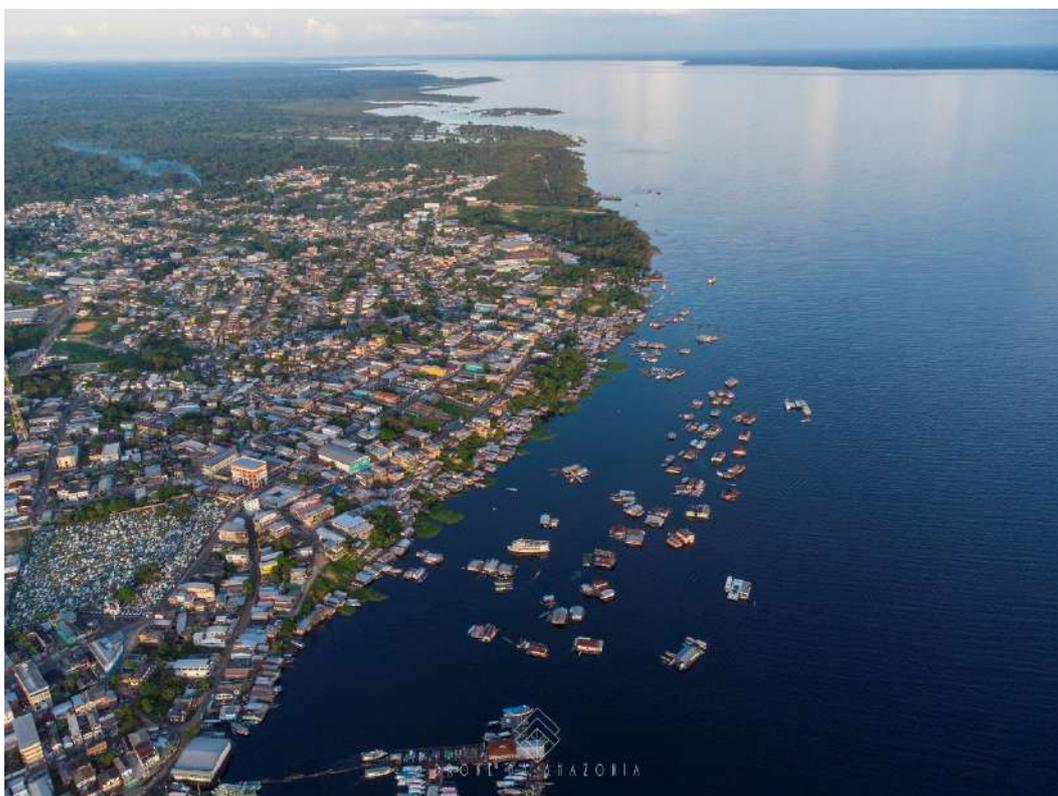


Figura 2: Vista panorâmica da cidade de Tefé, na qual podem ser observadas as edificações em terra firme e casas flutuantes à margem do Lago Tefé. Foto: João Paulo Borges

O crescimento urbano tem provocado ao longo do tempo um processo de destruição e construção de habitações que contribui para a perda do patrimônio que conta sobre a história da cidade e das pessoas que nele habitam (Tocchetto e Thiesen, 2007). A demolição em prol da expansão da cidade leva consigo muitas memórias e histórias silenciadas ou não contadas.

A realização de trabalhos arqueológicos em contexto urbano apresenta particularidades específicas, exigindo adaptações metodológicas frente à dinâmica própria da cidade. Em Tefé, por exemplo, as intervenções arqueológicas ocorrem em meio à intensa circulação de pessoas e veículos, em um ambiente caracterizado pela ausência de transporte público. Como resultado, observamos um expressivo fluxo mototáxis e automóveis. Além disso, no centro da cidade temos as catraias (Figura 3), um tipo de canoa que acopla um motor rabeta é conduzido por uma pessoa conhecida como Catraieiro, responsáveis pelo transporte da população aos bairros: Abial

e Colônia Ventura, que permanecem “isolados” do núcleo urbano durante o período das cheias, esse tipo de transporte também conduz as pessoas para as comunidades ribeirinhas situadas no entorno imediato de Tefé.

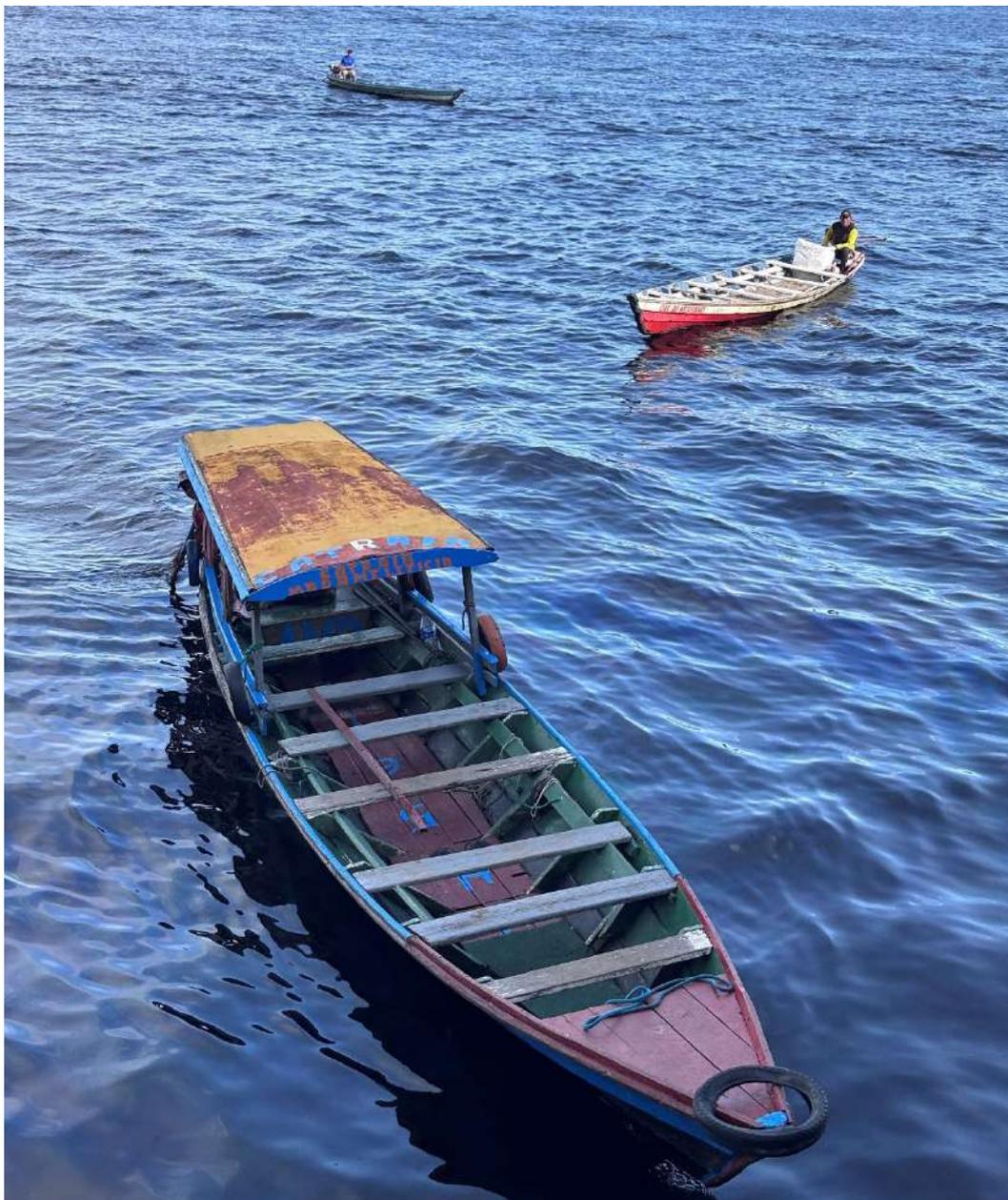


Figura 3: Vista panorâmica das catraias no Lago Tefé. Foto: Geórgia Holanda

Esse vai e vem sobre as águas é milenar e nos leva a refletir sobre as particularidades do contexto em que estou inserida. Diferentemente dos estudos sobre Arqueologia Urbana realizados nas regiões Sul e Sudeste do país (Tocchetto e Thiesen, 2007; Lima, 2010; Souza, 2013, 2014, 2014a; Tessaro, 2022), percebo que o termo “Arqueologia do Asfalto”, frequentemente utilizado para designar a prática arqueológica em áreas urbanas, apresenta certas limitações quando aplicado

a Tefé. Isso nos faz questionar: além de uma arqueologia do asfalto, não estaríamos diante de uma possível “Arqueologia das Águas”?

Das águas que vêm e vão, levam e trazem pessoas e objetos, das águas que cobrem e descobrem os artefatos arqueológicos, que isolam e socializam pessoas através das redes de trocas de médio e longo alcance, desde o período pré-invasão. Águas que conectam natureza, humanos e não humanos. (Holanda et al 2023, p. 378).

Os deslocamentos em Tefé são realizados por via aquática. É pelas águas que vai e veem pessoas, que chegam mantimentos alimentícios, bebidas alcoólicas e não alcoólicas, móveis, automóveis. É sobre as águas que as pessoas aportam em canoas e ficam em cima do sítio Centro no período da cheia, são as águas que ano após ano, cobrem e descobrem os sítios Ilha das Conchas e Xidarini, revelando uma dinâmica que molda a paisagem e o cotidiano da região.

Entre o silêncio e o retorno: reflexões sobre o reencontro presencial com o material arqueológico

Ao olhar de volta para a mesa que deixei silenciada por causa da pandemia, pude ver: garrafas de vinho francesas e portuguesas, vasilhames de cerveja inglesa, escocesa, garrafas de soda da Irlanda⁵, frasco de vermífugo⁶ da Pensilvânia, porcelana e faianças francesas e holandesas.

Inicialmente, manifestei certa resistência de estudar essa materialidade (Figura 4), por receio de reproduzir uma perspectiva centrada em uma cultura material elitista e colonialista. Essa preocupação está relacionada às dificuldades inerentes ao processo de descolonização do pensamento, que envolve, como propõe Eremites com base em (Mignolo, 2008, p. 290), o exercício de “aprender a desaprender”. Trata-se de uma postura crítica frente aos saberes hegemônicos que historicamente moldaram nossas formas de ver, pensar e produzir conhecimento.

⁵ As garrafas Ross's/Belfast, originárias da Irlanda e cuja primeira patente foi registrada em 1809, eram conhecidas como garrafas torpedo. Eram geralmente utilizadas para acondicionar refrigerantes ou água mineral e foram projetadas para não permanecerem em pé, exigindo que fossem transportadas deitadas, de modo a evitar que a rolha secasse ou encolhesse, o que poderia causar a evaporação do conteúdo.

⁶ O vermífugo “fahnestock vermifuge”, foi um produto que circulou no mercado desde 1827, amplamente divulgado para tratamento de vermes com a seguinte propaganda “cura certa em todos os casos em que o incômodo seja causado por lombrigas, seguro e eficaz para crianças e adultos”, conforme anúncio.
<https://www.propagandashistoricas.com.br/2020/01/vermifugo-de-fahnestock.html>



Figura 4: Recipiente de vermífugo “fahnestock vermifuge” e frasco de remédio Orlando Rangel - Rio de Janeiro. Garrafa de vidro Irlandesa da marca Ross’s/Belfast e base da garrafa de vinho do Porto Antônio da Rocha Leão. Selos impressos nos fragmentos de louças e porcelanas George Jones and Son England; MA Ferreira Bastos – Rio de Janeiro; J. Etienne Ftls., Rue Paradis, 29, Paris; Baker. Fotos: Geórgea Holanda

Ao observar aqueles objetos, era inevitável associá-los a indivíduos com elevado poder aquisitivo, que, de alguma forma, conseguiram inserir na região uma variedade de produtos estrangeiros de alto valor (Figura 5), relacionados ao ciclo da borracha, iniciado na capital e posteriormente expandido para o interior (Daou, 2000; Santos, 2016). No entanto, é necessário questionar: quem, de fato, tinha acesso a esses bens de consumo? Certamente, não eram os indígenas e nordestinos diretamente envolvidos nas atividades extrativistas e comerciais do período.

Para aprofundar a compreensão sobre os artefatos analisados, adotei como referência os pressupostos teórico-metodológicos da Arqueologia Histórica, com base nos estudos de Charles Orser (1992). Segundo o autor, essa abordagem permite o uso de múltiplas fontes como: documentos escritos, relatos orais, imagens pictóricas, construções arquitetônicas e estruturas. Ao integrar essas diferentes dimensões, torna-se possível uma reflexão mais complexa e contextualizada sobre o nosso objeto de estudo.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão da pesquisa, revisei relatos de cronistas viajantes (Bates, 1979; Spix e Martius 1981; Marcoy, 2006), os quais oferecem descrições valiosas sobre o ambiente, os modos de vida e as dinâmicas socioculturais da região à época. Em complemento dialoguei com estudos voltados à Arqueologia Histórica na região Amazônica (Costa 2014, 2017; Gomes 2013; Muniz, 2020a, 2020b). Além disso, realizei diversas visitas de campo aos sítios urbanos e mantive diálogos com moradores da cidade, priorizando conversas com pessoas idosas e trabalhadores da construção civil, especialmente pedreiros, pessoas que,

em virtude de sua prática cotidiana, literalmente “escavam a cidade inteira” no exercício de seus ofícios.



Figura 5: Análise da coleção vítrea do Sítio Centro com impressão dos seguintes selos: Ross’s/Belfast; Antônio da Rocha Leão; Orlando Rangel - Rio de Janeiro; Cervejaria Teutonia; AM PARIS; e Fahnestock vermifuge. Foto Iberê Martins

O contexto histórico da região evidencia, entre outros aspectos, a extrema violência que marcou o processo de ocupação colonial. A perseguição sistemática aos povos originários constituiu uma prática recorrente, acompanhada da instalação de depósitos humanos destinados à venda de indígenas, como registrado por Marcoy (2006). Tais ações mostram como a invasão da Amazônia foi sustentada por processos de violência, onde populações indígenas foram expulsas de seus territórios, submetidas a agressões físicas, psicológicas e tratadas como mercadorias.

A exploração de recursos naturais e de populações locais, iniciada com a invasão colonial, foi se intensificando ao longo do tempo. Inicialmente centrada nas chamadas “drogas do sertão”, posteriormente, passou a incluir a exploração de produtos como: salsaparrilha, cacau, óleo de copaíba e castanha, entre outros. Essa extração se deu, majoritariamente, por meio do sistema de aviamento, uma prática controlada por comerciantes conhecidos como patrões, que submetia os trabalhadores a uma lógica de endividamento permanente. Como aponta Alencar (2009), trata-se de um modelo que mantinha as pessoas em situação de dependência e exploração contínua, tornando praticamente impossível a quitação das dívidas “contraídas”.

Além disso, essa região foi “contemplada” com a instalação de grandes comércios geridos por negociantes ingleses e brasileiros oriundo do Pará que vendiam mercadorias europeias e “compravam” produtos locais. Dentre esses produtos vendidos, é citado por Spix e Martius (1981) em sua obra, a materialidade semelhante à evidenciada no sítio Centro.

Entre vinhos e cervejas: um gole do patrimônio tefeense por meio do material vítreo

No processo de análise, observou-se que alguns fragmentos vítreos apresentam evidências de lascamento, o que indica que certas garrafas foram reutilizadas e/ou ressignificadas após seu uso original. De acordo com Seabra & Pina (2023) esse tipo de modificação aponta para práticas de reaproveitamento de materiais, comuns em contextos em que o acesso a bens industrializados era limitado, revelando estratégias locais de adaptação e uso prolongado dos objetos.

Garrafas de vidro são objetos que após o término de seu conteúdo podem facilmente ser utilizadas para outras funções (Appadurai, 2008). Por conseguinte, o término da produção de um tipo específico de garrafa não se torna um motivo sólido para a sua não circulação, tendo em vista que as garrafas de vidro podem ser facilmente reutilizadas para fins diversos. (Seabra et al, 2023, p. 3)

É bastante plausível que as garrafas encontradas no sítio Centro tenham sido reutilizadas para o acondicionamento de outros líquidos ou até mesmo de materiais sólidos. No entanto, algumas evidências sugerem usos (Figura 6) ainda mais específicos: fragmentos como base de uma garrafa de refrigerante irlandesa da marca Ross's/Belfast com marcas de lascamento, o gargalo de uma garrafa de vinho do Porto da marca Antônio da Rocha Leão, e a base de garrafa não identificada indicam que esses objetos foram transformados em ferramentas de corte como raspadores ou/e cortadores, revelando práticas locais de reaproveitamento funcional do vidro.

Os fragmentos vítreos lascados constituem uma categoria ainda pouco valorizada nos estudos arqueológicos no Brasil, mas demandam maior atenção. Conforme destaca Lima (2002), esses materiais têm potencial para revelar aspectos sociais pouco documentados, abrindo espaço para discussões mais amplas sobre práticas cotidianas, reaproveitamento de objetos e dinâmicas sociais invisibilizadas pelas documentações históricas.



Figura 6: Marcas de lascamento: na base de uma garrafa irlandesa da marca Ross's/Belfast; no gargalo de uma garrafa, provavelmente de vinho do Porto, da marca Antônio da Rocha Leão; e na base de uma garrafa não identificada. Foto: Geórgea Holanda.

O vidro é definido pela American Society for the Testing of Materials - ASTM como “um material inorgânico formado pelo processo de fusão, que foi resfriado a uma condição rígida, sem cristalizar” (Zanettini et al 2017, p. 14)

Ele é composto de sílica, geralmente sob forma de areia, e álcalis, como potássio, óxido de cálcio (cal) e carbonato de sódio. Enquanto a sílica e os álcalis determinam suas características gerais (dureza, brilho e durabilidade), outros elementos químicos determinam sua cor. A cor natural do vidro, decorrente das impurezas da areia, varia de verde a âmbar. Cores artificiais são produzidas pela adição de corantes como cobre, cobalto, ferro, manganês, estanho, ouro e arsênico (Caldarelli, 2003).

As análises⁷ abrangeram tanto garrafas inteiras quanto fragmentos que continham informações do fabricante, permitindo, assim, a identificação de sua possível origem de produção. O processo analítico iniciou-se com a separação das amostras segundo critérios formais, como tipo de forma, estado de conservação, volume e coloração. Em seguida, os materiais foram organizados em duas categorias principais: garrafas inteiras e fragmentos, estes últimos compostos por partes da garrafa como: gargalos, bocas, bases e ombros e, alguns fragmentos que apresentavam marcas de reutilização.

Outro atributo relevante na análise dos artefatos vítreo foi a presença de selos impressos, que fornecem pistas importantes sobre a origem e a circulação desses materiais. Entre os objetos, foram identificados tanto marcas nacionais, oriundas do Rio de Janeiro, quanto estrangeiras, provenientes da Europa e da América do Norte. As inscrições legíveis em duas garrafas

⁷ Para análise do material foi produzida uma ficha com base no guia arqueológico de classificação e análise: “Cacos e mais cacos de vidro. O que fazer com eles? Guia Arqueológico de Classificação e Análise (Zanettini et al 2017). Composta pelos seguintes atributos: técnica de manufatura, forma, função, coloração, tipo de vedação, categoria original, sinais de confecções, procedência, parte da garrafa, marca de fabricante e observações.

brasileiras revelam os nomes dos fabricantes: “Orlando Rangel - Rio de Janeiro”⁸ e “Cervejaria Teutônia” (Figura 7). Esses registros materiais indicam que, apesar do isolamento geográfico da região amazônica, ela esteve inserida em circuitos comerciais amplos e dinâmicos, conectando o interior do país a centros urbanos e redes internacionais de consumo. Os selos, portanto, não apenas atestam a procedência dos artefatos, mas também revelam relações econômicas, sociais e culturais que atravessavam longas distâncias.



Figura 7: Garrafa de cerveja brasileira CERVEJARIA TEUTONIA, antiga companhia da Cerveja Brahma com seu respectivo anúncio. Fonte: <https://mundodacerveja.com/loja/produto/brhma-teutonia---12-x-09-cms-PROD-430> Foto: Geórgia Holanda

O recipiente de cerveja brasileira com a inscrição Cervejaria Teutonia, identificada entre os materiais analisados, remete a uma das marcas registradas no início do século XX. Segundo o artigo técnico “A cerveja no Brasil de 1901 a 1950 (Século XX)”⁹, a marca foi registrada em 1901 pela empresa Preiss, Haussler & Cia., sendo posteriormente adquirida pela Companhia Cervejaria Brahma em 1904. Fundada em 1888, no Rio de Janeiro, por Joseph Villiger um imigrante suíço, a Brahma destacou-se por sua rápida expansão. O nome da cerveja faz referência ao deus hindu Brama, numa estratégia de marketing que associava exotismo e sofisticação à identidade do produto. Décadas mais tarde, em 1999, a Brahma fundiu-se com a Cervejaria Antarctica, originando a Ambev, hoje uma das maiores empresas de bebidas do país.

⁸ Orlando Rangel fundou a Farmácia e o Laboratório Industrial Farmacêutico Orlando Rangel em 1892, sendo o primeiro brasileiro a fabricar produtos injetáveis empregando técnicas europeias e os ensinamentos de Oswaldo Cruz. Atuou em diversas especialidades farmacêuticas, utilizando plantas medicinais, tendo como primeiro produto lançado pelo laboratório o Elixir de Noz de Kola. Em 1909, os Laboratórios Orlando Rangel tornaram-se a indústria do setor com o maior número de funcionários empregados no país. (Sindusfarma, 2020)

⁹ <https://www.cervesia.com.br/artigos-tecnicos/cerveja/historia-da-cerveja/8-a-cerveja-no-brasil-de-1901-a-1950-seculo-xx.html>.

As inscrições impressas nas garrafas, com o nome dos fabricantes, foram fundamentais para a identificação das bebidas que continham, uma vez que “diferentes tipos de garrafa eram fabricados para tipos de bebidas diversas” (Seabra, 2023, p. 12). Esse foi o caso das garrafas de vinho da marca Porto Antônio da Rocha Leão (Figura 8) que começaram a ser importadas a partir de 1870 pelo armazém de vinhos (caves) da empresa Antônio da Rocha Leão, ainda transportadas em pipas.

Empresa fundada por Antônio da Rocha Leão em 1870. Antônio da Rocha Leão foi um insigne Gaiense, tendo integrado a Comissão Administrativa Municipal, aquando da criação do concelho e município de Vila Nova de Gaia, em 1832. A empresa foi adquirida por Manuel de Barros, muito provavelmente nos anos 1930, uma vez que a última inscrição na Alfândega do Porto como exportador de vinho do Porto data de 1933. A marca manteve-se agregada à empresa Barros & Almeida¹⁰.

Como pode ser observado, o material vítreo proveniente do sítio Centro revela uma expressiva diversidade de garrafas, associadas a diferentes usos e conteúdos, como bebidas alcoólicas e não alcoólicas, medicamentos de origem nacional e internacional, produtos de perfumaria e utensílios de mesa. Essa variedade evidencia práticas de consumo diversificadas e indica a inserção da região em redes comerciais mais amplas, que articulavam fluxos de bens em escalas local, nacional e internacional.



Figura 8: Base de duas garrafas de vinho português e anúncio em jornal na sua chegada no Rio de Janeiro. Foto: Geórgia Holanda

¹⁰ <https://artefactos.museudodouro.pt/inweb/ficha.aspx?ns=402000&id=45&c=&lang=PO>

As informações obtidas a partir da análise dos artefatos¹¹, associadas às fontes escritas como os relatos de Bates (1979) e de Spix e Martius (1981), contribuíram para a identificação das rotas utilizadas no transporte dessas mercadorias até o Brasil, assim como para a compreensão de sua posterior dispersão pelas capitais e pelo interior do país (Figura 9). Esse processo foi particularmente intenso durante o auge da economia da borracha (Daou, 2000). A partir desses dados, foi possível elaborar um mapa (Holanda e Amaral, 2023) das possíveis rotas comerciais que convergiam para a calha do rio Amazonas entre os séculos XVIII e XIX.

Esses vestígios materiais, portanto, não apenas documentam aspectos do cotidiano e dos hábitos de consumo da população local, mas também demonstram a dinâmica econômica e culturais que existia na região que conectava a Amazônia a circuitos mais amplos de circulação de mercadorias.

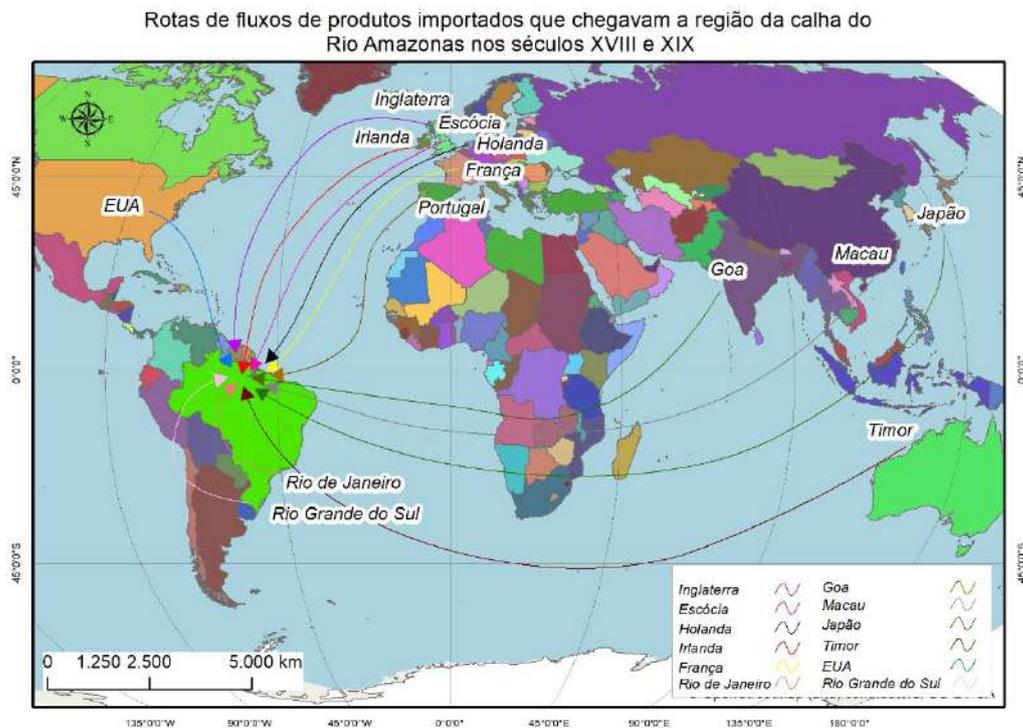


Figura 9: Possíveis rotas comerciais de acordo com a materialidade estudada no Sítio Centro, que convergiam para a calha do rio Amazonas entre os séculos XVIII e XIX. Mapa inspirado a partir de Ouverney (2021). Elaborado por: Rafael Monteiro.

¹¹ Artefatos vítreos, e, de grés e de louça oriundo do sítio Centro.

Quando a água desce, os cacos aparecem: transformação da paisagem no sítio Centro

Certa vez fui apreciar o pôr do sol do Lago Tefé, sentada nas escadas que dão acesso ao barranco do sítio Centro (Figura 10), sem cadernos de campo, caneta, máquina fotográfica, GPS, mochila, enfim, sem toda a parafernália que usamos habitualmente.

Foi impossível me desprender da arqueóloga que habita em mim 24 horas por dia. Assim, observei atentamente os diversos barcos e famílias que estavam “morando” temporariamente neles às margens do lago Tefé. Muitas dessas pessoas vêm com seus familiares para fazer o rancho, como é conhecida, na região, a compra de mantimentos alimentícios, resolver questões burocráticas em instituições públicas ou realizar consultas médicas. Por esses motivos, permanecem na cidade por alguns dias. Naquele dia específico, pude observar a preparação de alimentos em um fogareiro de barro, artefato que faz parte da produção cerâmica local ainda em vigor. Esses fogareiros são produzidos por comunidades do Médio Solimões e comercializados no mercado municipal de Tefé. (Holanda e Amaral, 2023).

Entre os diversos barcos ancorados, chamou minha atenção uma embarcação ocupada por uma família composta por sete pessoas. O responsável pelo grupo remava lentamente ao redor até alcançar a muralha, uma estrutura que margeia parte do lago e que permanece submersa durante o auge da cheia. Naquele momento, cerca de 30 cm da muralha estavam visíveis acima da linha d'água. Assim que o barco se aproximou, as crianças desembarcaram em fila indiana, caminhando com alegria pela estreita faixa exposta. A felicidade era evidente: os sorrisos e expressões de contentamento tornavam aquele momento marcante.

No fim do dia, com a luz já escurecendo, o pai das crianças retornou remando calmamente e fincou um piquete na margem do lago para amarrar o barco. A água estava recuando, e o barranco começava a aparecer, junto com ele, uma porção, significativa de material arqueológico tornava-se visível. Aproximadamente 40 cm de vestígios estavam expostos, incluindo diversos fragmentos de vidro na subsuperfície. Descalço, o homem seguiu pegando e jogando os cacos de vidro de volta à água, limpando cuidadosamente o caminho por onde pretendia passar.

Quando vi aquela cena, logo entrei em desespero, ao pensar que os cacos de vidro “contextualizados” que tanto tenho afeto e queria entender sua deposição, estavam “sendo remexidos e ficando fora de contexto”. Como seria possível escavar ali futuramente? Ao mesmo

tempo, percebi que a dinâmica do rio de cheia e seca, naturalmente provoca a movimentação dos artefatos.

Essas práticas culturais de ocupação e reocupação são milenares e fazem parte do modo de vida das pessoas que vivem sobre os sítios arqueológicos na Amazônia seja em suas casas, em seus roçados ou em suas andanças pela cidade, que também é sítio. As pessoas do passado e do presente constroem camadas vivas que a arqueologia tenta ler a todo momento.



Figura 10: Sítio Centro no período de cheia com barcos aportados em cima das lixeiras domésticas e área da muralha submersa. Foto: João Paulo Borges. Edição da imagem: Christian Santos

Essa paisagem se modifica completamente no período da seca (Figura 11), pois o mesmo percurso que o pai fez de canoa com as crianças, entre os meses de maio e setembro fica completamente diferente. O lugar cheio de água e ocupado por barco, é reocupado na seca por diferentes grupos da cidade, sendo utilizado para diversas atividades.

O sítio está localizado no centro da cidade, e talvez por isso seja a área mais acessada pela população. A paisagem se transforma ao longo do ano, marcada pela presença ou/e ausência das águas, que se transforma entre os períodos de cheia e de seca. Durante a cheia, as lixeiras domésticas situadas à beira do barranco ficam submersas; já na seca, a área em frente ao lago vira uma praia.



Figura 11: Sítio Centro no período de seca extrema, onde é possível perceber as lixeiras domésticas e muralha expostas. Foto: João Paulo Borges. Edição da imagem: Christian Santos.

Essa dinâmica favorece uma multiplicidade de usos do espaço conhecido como Mirante das Mangueiras. Ele é ocupado por diferentes públicos e de diversas formas: desde encontros familiares para contemplar o pôr do sol, jogos de futebol, até a realização de eventos culturais, como feiras de livros, feira do pirarucu manejado¹² e de produtos da agricultura familiar, como também, o Festival Folclórico de Tefé¹³, que teve duas edições realizadas "sobre as antigas

¹² Informativo sobre a feira: <https://www.mamiraua.org.br/noticias/feira-de-pirarucu-manejado>.

¹³ No ano de 2022 foi realizada a 50ª edição do Festival que teve sua primeira edição no final da década de 1970, visando promover a cultura local com diversidade de danças, atraindo público da cidade e das comunidades, se tornando um lugar de encontro, trocas culturais e de saberes diversos.

lixeiros domésticas", atraindo um grande público da cidade, das comunidades ribeirinhas e de municípios vizinhos.

Algumas considerações

Iniciar uma pesquisa durante o período pandêmico foi extremamente desafiador em vários aspectos, desde o isolamento social até o "isolamento virtual". De repente, a internet passou a ser o nosso maior meio de comunicação, e o acesso restrito nessa região dificultou alguns contatos, pessoais e profissionais.

Enfatizo isso, para dizer que, ao desenvolver nossas pesquisas, estamos sempre inseridos em contextos específicos. Contudo, aprendemos a apresentar os resultados científicos sem mostrar os caminhos que percorremos até eles. Para este manuscrito, decidi que, além dos dados das análises, era necessário contextualizar o leitor sobre os desafios e afetos de realizar uma pesquisa arqueológica durante a pandemia, sobre o passado recente no Médio Solimões

Enquanto arqueólogas e arqueólogos, assumimos um papel político fundamental na construção e divulgação de histórias silenciadas. Nosso compromisso ético e científico inclui contar histórias adormecidas, caladas, muitas vezes excluídas dos livros didáticos. Nesse contexto, Gomes (2013) propõe uma reflexão importante ao questionar: "quantas histórias estão silenciadas na região amazônica, porque seus protagonistas não as escrevem ou não eram "importantes" o suficiente, dentro das hierarquias sociais, para que fossem contadas dentro do que convenciamos chamar de história oficial" (Gomes, 2013, p. 68).

Ao observar o material vítreo lascado, é impossível não pensar nas pessoas que o produziram, nos motivos que as levaram a fazê-lo e nos contextos em que esses objetos foram reutilizados. Quem consumia essas bebidas importadas de alto valor e medicamentos, era o mesmo grupo que lascava os frascos? Pouco provável!

O material vítreo identificado no Sítio Centro, proveniente de lixeiras domésticas impactadas por processos tafonômicos decorrentes da dinâmica das águas com as secas e cheias que, anualmente, levam consigo partes do barranco e dos vestígios arqueológicos ali depositados, deixou um pouco dessa história para ser contada por meio da materialidade encontrada e estudada.

A análise dos artefatos demonstrou, entre outras coisas, que uma das bebidas mais consumidas na cidade de Tefé no século no final do XIX e início do século XX era cervejas, vinhos e medicamentos, armazenada em garrafas de vidro como: o vinho do Porto da marca Antônio Rocha Leão, vinho borgonhês francês e a cerveja nacional da marca Teutonia, além disso, nesse mesmo contexto foi identificadas garrafas de grés utilizadas para armazenar cerveja e água das marcas Henry Kennedy (Barrowfield Pottery, Glasgow) e Wynand Fockink (Amsterdam).

Desde a abertura à navegação a vapor, em 1853, diversos produtos passaram a circular na cidade intensificando no período da borracha. Esse comércio, descrito por Bates (1979) e por Spix e Martius (1981), ainda hoje está ativo, em “outra modalidade”: mantimentos alimentícios, bebidas, materiais de construção, eletrônicos, eletrodomésticos, medicamentos, entre outros produtos, continuam chegando regularmente a Tefé por via aquática, vindos de Manaus em barcos de linha.

Como afirmei no início do texto, a pandemia da Covid-19 impactou profundamente a pesquisa científica no Brasil. Nesse contexto, ficou inviável realizar escavações, trabalhos de campo ou manter o diálogo com a cidade, ainda mais no Estado que foi o mais afetados pela pandemia e registrou os maiores índices de mortalidade pelo vírus.

Nessa conjuntura, posso considerar esse trabalho como uma pesquisa arqueológica? Ou melhor dizendo, isto é Arqueologia? Essa pergunta foi tema central do 4º Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea – Seta, intitulado Quem disse que isto não é arqueologia? Tensões e disputas entre materialidades, discursos, espaços e temporalidades no fazer arqueológico. Que nos mostrou que a Arqueologia é uma ciência multidisciplinar, aberta a múltiplos olhares e abordagens.

Com base nas reflexões do Seminário, considerei necessário, além de abordar o material vítreo a partir de uma perspectiva consagrada na Arqueologia, refletir também sobre as ruas vazias e fragmentos silenciados; a “Arqueologia das Águas”; o reencontro presencial com o material arqueológico; as pessoas do presente; a ressignificação dos artefatos; as mudanças da paisagem entre a cheia e a seca e, principalmente, sobre as adversidades de desenvolver uma pesquisa em tempos pandêmicos.

Referências

ALENCAR, E.F., 2009. O tempo dos padrões “brabos”: fragmentos da história da ocupação humana da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, AM. *Amazônica*, 1(1), pp.178-199.

AMARAL, M., 2017. Projeto de Arqueologia Urbana na cidade de Tefé, Médio curso do rio Solimões - Sítios Centro e UEA - área da Vila Militar. Relatório apresentado ao Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Tefé.

BATES, H.W., 1979. Um naturalista no rio Amazonas. Tradução de Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte; São Paulo: EDUSP, Itatiaia.

BELLETTI, J.S., 2015. Arqueologia do lago Tefé e a expansão polícroma. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

CALDARELLI, S.B., 2003. *Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista: SP-070: Rodovia Carvalho Pinto. [São Paulo]: UNISANTOS.

COSTA, B.L.S., 2008. Levantamento arqueológico na RDS Amanã. *Uakari*, 4(2), pp.7-18.

COSTA, B.L.S., 2012. Levantamento arqueológico na reserva de desenvolvimento sustentável (RDS) Amanã: Estado do Amazonas. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

COSTA, D.M., 2017. Arqueologia histórica amazônica: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, 30(1), pp.154–174.

COSTA, D.M., 2014. O urbano e a arqueologia: uma fronteira transdisciplinar. *Vestígios. Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 8(2), pp.43-71.

DAOU, A.M., 2000. *A Belle Époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FURQUIM, L.P., 2015. Análise cerâmica do Sítio São Miguel do Cacau: um contexto funerário no lago Amanã (RDSA – AM). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (20), pp.251-256.

GOMES, J., 2015. Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a fase Caiambé da Tradição Borda Incisa. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

GOMES, N. e SANTI, J.R., 2024. Apresentação do Dossiê: A Amazônia após as invasões europeias - histórias contadas pela cultura material. *Revista Arqueologia Pública*, 18(00), pp.1-10.

GOMES, R.N.C., 2013. *Arqueologia e cultura material uma história contada em cacos de vidros e louças da vila de Santo Antônio (Porto Velho – RO)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Belém: Universidade Federal do Pará.

HOLANDA, G., AMARAL, M. e TAMANAHA, E., 2022. Arqueologia na cidade de Tefé: reflexões sobre o modo de vida no lago profundo. In: *Caderno de Resumos. Semana de Arqueologia Histórica do Museu Nacional – SAHIST*. Rio de Janeiro: [s.n.], p.22.

HOLANDA, G.L. e LIMA, A.M.A., 2023b. Narrativas sobre o modo de vida dos povos amazônicos do passado e do presente em comunidades do Médio Solimões. *Revista Arqueologia Pública*, 18(00), pp.1-25.

HOLANDA, G.L., LIMA, A.M.A. e TAMANAHA, E.K., 2023a. Existem ocupações recentes no interior do Amazonas? Reflexões sobre o modo de vida em Tefé/AM. *Revista de Arqueologia*, 36(3), pp.368–389.

LIMA, M.N., 2016. *A cerâmica pocó-açutuba e seus processos correlatos na região Amazônica*. Projeto de doutorado (submetido). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

LIMA, T.A. et al., 2010. Arqueología Urbana: antídoto contra amnesias sociales. In: BARCIA e CHIAVAZZA (eds.) *XVII Congreso Nacional de Arqueologia Argentina*. Mendoza, tomo III, pp.999-1004.

LIMA, T.A., 2002. Tecnologia demais, comportamento de menos: o olhar da arqueologia sobre os vidros históricos. *Canindé*, (2), pp.283-290.

LOPES, R.C.A., 2018. *Tradição polícroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Aracaju: Universidade Federal de Sergipe.

MARCOY, P., 2006. *Viagem pelo rio Amazonas*. Tradução de Antônio Porro. 2ª ed. Manaus: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

MIGNOLO, W.D., 2008. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, (34), pp.287-324.

MUNIZ, T.S.A., 2020a. Arqueologia Histórica e Contemporânea na Amazônia: por uma arqueologia elástica. *Cadernos do Lepaarq*, 17(34), pp.272-289.

MUNIZ, T.S.A., 2020b. Ensaio sobre arqueologia do período da borracha no Baixo Amazonas: materialidade, ontologia e patrimônio. *Revista Oficina do historiador*, 13(1), pp.1-17.

ORSER, C.E., 1991. *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros.

OUVERNEY, L.S., 2021. *Consumo e commodities em unidades rurais fluminenses: tecendo uma narrativa através dos vidros*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PACHECO, D.G., 2022. Reflexões de uma arqueologia pandêmica: o papel dos afetos e das relações na prática arqueológica. *Revista de Arqueologia*, 35(1), pp.25–38.

SALWEN, B., 1978. *Archaeology in Megalopolis: Updated Assessment*. *Journal of Field Archaeology*, 5, pp.453-459.

SANTOS, S.P., 2016. *Tempo e espaço na Amazônia colonial: da Vila de Ega à cidade de Tefé, séculos XVIII e XIX*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Manaus: Universidade Federal do Amazonas.

SEABRA, A.C.S. e PINA, A.D.V., 2023. A (re)utilização das garrafas de vidro do edifício histórico solar da beira em Belém-PA. *Revista Arqueologia Pública*, 18(00), pp.1-24.

SOUZA, R.A., 2010. *Louça branca para a Pauliceia: arqueologia histórica da fábrica de louças Santa Catarina, IRFM: São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

SOUZA, R.A., 2014a. *A cidade e a arqueologia urbana*. In: VASCONCELLOS, C.M. (org.). *Recursos pedagógicos no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, pp.35-40.

SOUZA, R.A., 2014b. *Arqueologia na metrópole paulistana*. *Habitus*, 12(1), pp.23-44.

SPIX, J.B. von e MARTIUS, C.F.P. von, 1981. *Viagem pelo Brasil (1819–1820)*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Edusp, Livraria Itatiaia, v.3.

STASKI, E., 1982. *Advances in Urban Archaeology*. In: SCHIFFER, M.B. (ed.) *Advances in Method and Theory in Archaeology*. New York: Academic Press.

STASKI, E., 2008. *Living in Cities Today*. *Historical Archaeology*, 42(1), pp.5-10.

TAMANAHA, E.K., FURQUIM, L.P., LOPES, R.A. e FERNANDO, V.L., 2015. Levantamento de sítios arqueológicos nos lagos Jutica e Caiambé, município de Tefé/AM. *Caderno do Lepaarq*, 12(23), pp.190-221.

TESSARO, P.A.B., 2022. *Arqueologia com a cidade: um movimento através da arqueologia no contexto urbano de São Paulo – SP*. *Revista de Arqueologia Pública*, 17, pp.1-18.

TOCCHETTO, F. e THIESEN, B., 2007. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em Áreas urbanas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, (33), pp.174-199.

TREGIDGO, D. et al., 2024. *Frutas da Floresta o poder nutricional da biodiversidade amazônica*. Tefé: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

ZANETTINI, P.E.; CAMARGO, P.F., 2017. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles? Guia Arqueológico de Classificação e Análise*. São Cristóvão: Editora UFS.